

::OVERMUNDO::

Escasso #3

Por Rafael Barbi (<http://faire-savoir.blogspot.com>)

O viado do Mauro tava batucando na mesa o tempo inteiro, contando aquele caso do neguinho que ele esfaqueou em 2002. Toda vez que a gente senta pra tomar uma cerveja com alguém que ele não conhece é a mesma merda. Metade de BH já deve saber disso, contando só a galera que ouviu da boca dele. Não vou desmerecer o Maurão, até porque fiquei feliz pra caralho no dia que ele me contou que tinha passado a faca no playboy que ficava cantando a mina dele.

Eu fico ali, degustando a Brahma de leve, olhando pra cara do Henrique, o vacilão pra quem ele tá contando a história. O cara tá hipnotizado, ou porque tá se cagando ou porque tá achando do caralho. Aí o Mauro começa a exagerar e inventar, coisa que ele sempre faz quando conta essa história, fico de saco cheio. Saio pra dar uma mijada, olhando as mesas cheias de vagabundos que curtem cerveja na quarta à noite. No banheiro dou um tequinho e volto pra cerveja mais disposto.

Chegando lá vejo que o otário já foi embora e o Mauro tá procurando um outro pra poder contar as glórias dele.

“Cê assustou o moleque” – vou dizendo – “Fica contando essa mesma história fudida toda vez. Chato pra caralho.”

O Mauro ri, daquele jeito escroto dele. O cara tá vestido com uma calça social, uma camisa azul e uns sapatos de bico quadrado. Mesmo trabalhando num emprego fudido do metrô ele sempre anda alinhado, aposto que deve ser o rei do parcelamento de compras. A gente fica uns instantes sem falar nada, só bebendo e olhando a galera sentada na mesa dos botecos.

“Olha essa loura, rapaz...” – ele dá uma secada absurda na bunda e nos peitos de uma lourinha gostosa que tá junto com um tiozão meio careca. Da galera toda, ele sempre foi o que mais catou mulher e também o que mais tratou elas que nem lixo. Sempre que eu lembro disso uma frase me vem à cabeça: seja escroto primeiro e você vai se dar bem. É inevitável, parece uma regra que serve para todas as coisas da vida.

“Aposto que esse velho careca tá fazendo o pau dele muito feliz. Deve estar gozando em tudo quanto é buraco dela.” – completo, sendo asqueroso pra caralho. – “Tem mulher que só serve pra isso mesmo. Mas outras, cara, outras que você tem que tratar que nem rainha.”

“Essas é que são as piores.” – ele vai dizendo. E não é pra menos. As duas namoradas em quem o Maurão ficou gamado, e não foi escroto primeiro, acabaram colocando ele em problemas dos mais variados tipos. A Valquíria foi a mina por quem ele esfaqueou o playboy e Sandra, putaquepariu, a Sandra faltava arrancar o fígado dele, aquela cadela. – “Mulher não quer ser bem tratada véio, elas gostam é quando você sacaneia. Sempre te falo isso Diogo.”

Aceno com a cabeça já que não agüento mais esse discurso de Jece Valadão que o Mauro curte fazer toda vez que falamos sobre namoradas e tal. Comigo não tem esse

papo de "homem é assim, mulher é assado", pra mim tudo vale pros dois. A Val e Sandra não fuderam com a vida do Maurão enquanto ele ficava fazendo tudo pra agradar elas?

"Quando é que você vai arrumar um emprego, seu viado?" – ele olha pra mim por cima dos copos. Aí percebo que ele também está com gel no cabelo preto penteado pra trás. Falta um bigode pra ele virar um cafetão ordinário.

"Sei lá, por enquanto tô de boa. Dei uma diminuída no pó depois daquele esquema, tá ligado?" – falei me referindo ao a uma mal sucedida tentativa de buscar a branquinha em uma boca onde eu acabei tomando umas porradas e ficando sem minha grana. Sempre prometo pra mim mesmo que vou matar a mãe dos desgraçados que fizeram isso, mas não vou porra nenhuma. – "E quando eu não gasto muito com pó o aperto é menor".

"Só. Cê devia era tentar concurso pra trabalhar no metrô, Diogo. Tô num departamento onde eu não faço muita coisa, a grana não é lá essas coisas mas é decente." – saco, pior que o discurso de machão é esse aí de pai – "Se cê continuar nesse ritmo cara, daqui a uns 5 anos cê já vai tá na rua fumando pedra."

"Sem essa Maurão, eu sei me cuidar vá." – esse papinho mongol de nego querendo te tirar do vício é foda, até porque eu sou qualquer coisa menos viciado. Eu curto pó e pronto, se preciso dar uma diminuída que seja. Parar é que eu nunca vou. – "Vamo aproveitar que a gente tá solteiro, sem namorada pra aporrinhar e vamo caçar umas buceta. Daqui a pouco vai tá cheio dessas vadiazinha universitária que mora na Augusto de Lima."

Isso distrai o Mauro por um tempo, porque logo ele fica fissurado em todas essas minas. Geralmente são umas princesinhas que vêm do interior, pra fazer cursinho ou faculdade, e ficam morando sozinhas ou junto com as amigas nuns apartamentos baratos do centro. Sempre rola de ir beber no Maletta, engalobar uma delas numa conversa mole entre uma caipirinha ou duas. Como as pobres estão longe de casa, sozinhas e tal, são pura carência. O sexo é doce, e geralmente no outro dia elas nem querem olhar mais pra sua cara, lamentado um corno ou dois que deixaram lá na terrinha. Melhor assim, também não quero nada com elas.

Eu geralmente ganho elas porque sei tudo sobre a vida dos malucos das décadas de 60 e 70. Já li biografia do Jimi Hendrix, Jim Morrison, Janis Joplin e o caralho a quatro. O Mauro saca alguma coisa de cinema, já que trabalhou numa distribuidora de filmes um tempão e era obrigado a assistir e classificar uma porrada de vídeos por um salário de merda. E é com esse nosso papinho meia-boca que a gente vai cavando até 10 centímetros abaixo do umbigo delas. Algumas vezes dizer que você tem um fumo do bom também ajuda.

O Mauro começa a contar um outro caso bizarro a respeito do primo dele, o Jorge. Diz que o cara tomou tanto suplemento e bomba pra ficar inchado que agora não tá conseguindo mais trepar direito. Ele tá meio com pena, mas confessa que nunca vai entender porque um cara quer ficar forte se não for pra pegar mulher. Eu fico rindo, porque acho a mesma coisa. O Mauro virou um brigão porque se enturmava bem com uma galera jiu-jitsu lá do bairro, amigos do Jorge, uns putos com a cabeça lotada de merda que curtiam ir nas festinhas só pra arrumar briga. Aprendeu a se virar bem na porrada e ficou mais forte, mas foi vendo que esses caras mais espantavam as minas

do que conseguiam ficar com elas. Aí as bolas do Mauro falaram mais alto que o braço e ele se afastou dos caras. Aleluia.

A gente vai conversando na boa até que o Walisson chega acompanhado com por uma mina gata. O Walisson é um cara mais velho, de uns trinta e tantos anos, um moreno boa pinta. Além disso é um camarada, que nunca nega um favor nem uma cerveja. Reconheço a mina que tá com ele, a Maria Alice, ex-namorada do Rufio, um parceiro meu que se mandou pro Pará. Ela é muito preza, cabelo preto, rosto fininho e uma pinta no queixo.

Eles sentam na mesa. Tudo indica de o Walisson tá pegando a Maria Alice, e tenho que admitir que ele tá podendo. Queria pelo menos ter dado umazinha com ela antes que arrumasse outro namorado mas tudo bem. A gente vai pedindo umas cervejas à medida que o Wali vai contando o que ele anda fazendo ultimamente. O cara era garçom de um restaurante fino, tinha curso pra servir os ricos e tudo mais, ganhava um dinheiro decente. O problema é que, durante uns cinco anos, ele cheirou quase tudo o que ganhou lá. Conheci o cara na época que ele tava na pior, passando um pó malhado pra cacete pra uns vacilão que nem eu. De lá pra cá ele foi ficando melhor, se tratou e tudo, foi trabalhar num barzinho arrumado lá no Santa Mônica junto com o irmão. O Walisson ficou falando que agora também tá fazendo uns showzinhos "voz e violão" nuns lugares lá Savassi e que tá conseguindo tirar uma graninha boa com isso.

Diferente do Mauro, que é um invejoso filho da puta, eu fico feliz em ver o cara na boa. Claro que, como eu ainda devo uma porrada de favores pra ele, penso que quanto melhor o cara fica menor a chance dele vir me cobrar essas paradas.

"Cê tá de boa agora cara, mandou bem" – comentei satisfeito. É lógico que o Maurão abriu um sorriso amarelo e conferiu a bunda de uma vagabunda que tava passando.

A gente vai conversando, conversando. A Maria Alice ri das nossas bobagens e conta uns casos loucos das viagens dela no interior da Bahia. Logo começo a pedir umas caipirinhas, que vão sumindo rapidinho. Em menos de duas horas, eu fico completamente bêbado e o Maurão fica bem chumbado também. O Wali e a mina ficam bebendo bem de leve e a coisa vai seguindo até altas horas.

De repente lembro que esqueci do plano de pegar as universitárias carentes, mas já não tô nem fudendo. Aí, totalmente nada a ver, o Mauro começa a contar pra Maria Alice o caso da vez em que ele esfaqueou o playboy. Eu o Wali ficamos zoando enquanto ele vai exagerando a história, o que deixa ele meio puto. A Maria parece bem chateada com o caso e eu fico rindo que nem um idiota o tempo inteiro.

Aí, muito do nada, uns moleques de camisa da mesa do lado, que já tinham pagado a conta e tavam indo embora do Maletta, parecendo meio bêbados, gritam na cara do Mauro "Gomeeeiro, mentiroso! Bateu porra nenhuma" e saem correndo. Ele fica meio sem reação por uns segundos até que eu, já totalmente sem noção falo pra ele "Vai fazer nada não valentão?"

Putaquepariu. Putaquepariu. Putaquepariu. Tipo o Mauro cata a garrafa de cerveja e sai correndo, correndo rápido pra caralho. O segurança da porta do prédio tenta agarrar ele, mas não consegue nem de perto. O Wali e a Alice arregalam os olhos até o tamanho de uma laranja mas não consigo acreditar no que tá rolando. O segurança vem na nossa direção gritando e berrando uma galera começa a ir lá pra fora, e eu levanto e saio na cola do Mauro.

Encontro ele na esquina da Augusto de Lima com a Espírito Santo, berrando feito um louco. De longe não consigo sacar o que tá rolando direito, mas quando vou chegando perto saco que ele tá com um pedaço da garrafa na mão e tem uns dois moleques no chão e outros dois brigando com ele.

“Caralho seu doente, cê quer ir preso? Larga a mão de ser otário e vamo vazar!” – grito, pensando que por causa disso as minhas noites no Maletta provavelmente terão que ser interrompidas por um tempo.

Mas o imbecil do Mauro não escuta e corta o braço de um dos carinhas com um pedaço da garrafa. O neguinho recolhe todo assustado, parecendo que vai morrer do coração e o outro sai correndo no ato. Quando o Mauro tá indo atrás eu seguro ele.

“Cara, que cê tava pensando? Ficou louco? Vamolá, vamo sair fora porra!” – o moleque do braço cortado vai saindo fora meio devagar e um dos outros que tava caído quando eu cheguei já foi embora sem que ninguém visse. O Mauro, todo sujo de cerveja da garrafa que ele catou, chega perto do outro que tá apagadão e com a cara toda fudida de garrafada, pega a carteira dele e começa a descer a Augusto de Lima.

Eu fico em dúvida se tenho que voltar pra dar alguma explicação pro Walisson e pra Maria Alice, mas nem rola. Fico andando logo atrás do Mauro, torcendo pra nada dar errado. Ele cata a grana da carteira do cara e enfia ela numa lixeira. Conta e diz pra mim que tem uns quarenta pila. Uma viatura passa perto de sirene ligada, mas não pára. Eu tranco o cu todinho. Logo a gente chega na Praça Raul Soares e sobe a Amazonas até um botecão meio sujo ali perto. Aí eu vejo que a mão do Mauro tá toda zoada, sangrando e cortada, e que o olho e a bochecha dele tão ficando meio roxos. Ele fala pra eu pedir uma cerveja e sentar lá dentro, coisa que eu faço, vai lavar a mão e volta com um cara meio assustada.

“A culpa é sua porra! Quem manda me provocar quando eu tô alto? Teve sorte que eu não acertei você!” – ele vai falando com um jeito puto, mas logo amansa – “Me humilhar na frente de mulher é pedir pra tomar porrada, cê sabe disso.”

“Véio, aqueles caras não deviam nem ter uns vinte anos cara, cê tava batendo em criança...” – sirvo o meu copo e o dele.

“Vai tomar no cú, os filho da puta me fuderam a cara.” - a gente brinda e eu fico feliz por não ter que pagar a conta e ainda ter uns troco extra pra tomar mais.

Sobre

"Escasso" é uma primeira tentativa de escrever a respeito de marginalidade, ensaiada em outros contos, mas sem atingir nada concreto. No início eu buscava escrever a respeito os marginais da favela, já retratados exaustivamente antes e depois do sucesso de "Cidade de Deus". Se por um lado a favela é um ambiente que eu conheço mas não convivo diariamente, por outro é bastante arbitrário associar a marginalidade apenas com ela, já que ali mesmo no meu bairrinho de classe média, eu consigo vislumbrar os violentos, os pichadores, os traficantes e os ladrões de carros. A idéia de narrar sempre a partir do ponto de vista do protagonista usando sua linguagem coloquial, é a busca pela produção de um discurso desses "malandros da classe média". No entanto é a parte mais difícil da escrita, o texto ficar muito forçado ou de parecer raso, mas é um risco que vale à pena correr.

"Escasso" já tem 4 partes escritas, todas na voz de um mesmo personagem.